

# TERRA

Semanário Anarquista

# LIVRE

N.º 9—1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM  
Propriedade do grupo editor da  
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e administração  
Rua das Gayeras, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS  
R. do Poço dos Negros, 8x

PREÇO 20 RS.

## A Carestia da vida

O encarecimento da vida acentua-se visivelmente em todo o mundo, e por toda a parte se acentuam igualmente as queixas e revolta das massas proletárias contra esse rápido piorar das suas condições económicas; contra a crescente carestia dos géneros e das casas, de todas as coisas necessárias à vida a tornar cada vez mais insupportável e dolorosa a situação do pobre.

Todos conhecem o descontento que, por essa causa, lavra entre o nosso povo. E lá por fora sucede o mesmo. Agora, são, por exemplo, os jornais do Brasil que nos descrevem os ardentes protestos populares que a vida cara ali tem suscitado e que nos falam da situação aflitiva das classes pobres e do perigo duma «revolução da fome.»

Entre as causas principais desta situação universal, estão sem dúvida os se npre crescentes encargos ezijidos pelos governos ao trabalho útil e produtivo, sobretudo para as improduttivas despesas do militarismo, para a cúpida ganância dos ajiotas e capitalistas que vivem da guerra e da paz armada.

Ha ainda a ação dos trusts e dos monopólios, as manobras dos assambarcadores, especuladores e intermediários, cujo interesse máximo está na carestia dos produtos e cujos proventos são um imposto cada vez mais ávido e esmagador sobre a produção e sobre o produtor salariado.

Dado esse mal e dadas essas causas, quais os remédios a aplicar? que medidas devem ser tomadas?

Ha os pretendidos remédios legais, que ás vezes os governos, ante o descontentamento das massas, se vêm forçados a adotar, ao menos na aparência, dando logo, é claro, aos poderosos interesses lijeiramente arranhados as mais succulentas compensações. Poderiam eles acaso viver sem isso e não é a sua missão natural a defesa desses interesses dominantes?

Nunca essas medidas legais modificaram, em qualquer parte do mundo, a situação dos pobres. Demais, reduzem-se em geral a reformas fiscais—e que interesse pode ter o proletariado nessas reformas?

Um imposto é, por exemplo, diminuído ou mesmo suprimido; mas, se o aumento duma taxa é bom pretêsto para a elevação dos preços dos géneros, do vestuário e do alojamento, para o encarecimento da vida para a baixa dos salários, já a sua redução ou abolição não traz tão fácil e automaticamente o embaratecimento das coisas nem a alta da mão de obra. E afinal um imposto nunca é abolido ou reduzido: é simplesmente deslocado. O total dos impostos aumenta incessantemente, o parasitismo do Estado e das oligarquias de que ele é instrumento de espoliação absorve cada vez mais recursos; e como é o produtor pobre que, no fim, vem a pagar tudo com o seu trabalho, é-lhe indiferente o aludido deslocamento.

Indiferentes igualmente lhe são as reformas aduaneiras, pois que é ao mesmo tempo produtor e consumidor, e portanto, com o proteccionismo ou com o livre cambio, perde por um lado o que ganha por outro, salvo insignificantes e transitórias vantajens.

Resta a ação direta e organizada dos consumidores e produtores pobres, incomparavelmente superior, se for conduzida de modo a dar ao povo a fôrça e a vontade de sair do círculo vicioso das reformas em rejime capitalista.

Nesse campo, as cooperativas, se de todo não são para desprezar, teem um bem reduzido alcance: raramente suprimem todos os intermediários e acabam amiude por cair nos vícios do comércio burguês, sacrificando o interesse do consumidor ao da caixa e dos funcionários cooperativos.

As ajiotações dos consumidores, das ligas de inquilinos, das mães de família, etc, como as que se viram há pouco em França e nos Estados Unidos com resultados rápidos e apreciáveis, teem incontestável valor, ao menos sob o ponto de vista moral; mas são difíceis de levantar e de manter, ajindo sobre um terreno em que a ação e a organização são laboriosas e instáveis.

E' como produtores, nos seus sindicatos, que os salarizados pobres melhor se organizam e atuam contra as forças do Ca-

pitalismo; e é nesse terreno que mais abundantes são os frutos da luta proletária, ao menos quanto à organização e educação das massas.

Mas as condições do trabalho e dos salários progredem muito lentamente atrás da carestia da vida, cujo aceleramento é tanto maior quanto melhor os capitalistas se organizam e dominam a produção e quanto mais divididos e inertes são os trabalhadores. E ha ainda as crises, esses ciclones económicos, e as ameaças de guerra, contra as conquistas laboriosamente feitas pelo proletariado.

Ha só um remédio completo e radical; é a espropriação dos capitalistas, é a abolição do patronato, é a reorganização e gerência diretas da produção pelos próprios produtores, é a liberdade do consumo pela supressão do salariato; e só são bons os meios,—a ação, a organização e a educação—que para

esse fim nos encaminhem e a ele nos façam aportar quanto antes.

Para vender, para ganhar, para viver parasitariamente e parasitariamente alimentar uma lejião de servos e guardas armados, governa a produção uma minoria, interessada na raridade dos produtos, na carestia, no assambarcamento e no monopólio.

Para satisfazer equilibradamente as reais necessidades de todos, de todos não de ser os meios de produzir, e a produção ha-de ser administrada pelos proprios produtores, ao mesmo tempo consumidores. Não faltam os meios de produzir com fartura, não faltam os meios de proporcionar a produção à população e esta às possibilidades futuras, aliás tão vastas; o que falta — em nome do interesse estreito e cego duma minoria — é a liberdade de consumir e de produzir.

### RESPONDENDO A UM INQUERITO

## SINDICALISMO E ANARQUISMO

IV

Meus amigos:

Uma vez atinjido o grau de desenvolvimento economico em que os individuos já sabem produzir, criar utilidades por meio de uma rudimentar pastoricia e, sobretudo, duma elementarissima e grosseira cultura do solo em que se passa da vida nomada á vida sedentária, da vida da caça á vida agrícola; uma vez relativamente mais satisfeitas as necessidades económicas,—a horda alarga-se, aumenta em elementos, em individuos—porquanto as condições económicas melhoradas são motivos duma maior população—surje a tribo, o clan, agregado ainda assaz homogeneo, mas mais estavel, mais complicado e onde nascem as classes ou castas que ainda hoje subsistem nas sociedades.

Por outro lado, dentro da tribo criou-se, esboçou-se numa diferenciação crescente e cada vez mais complexos outros agregados, em que primeiro se salienta o par androjino, a família e todas as instituições que tratam do movimento e do numero da população. Primeiramente tem um carater

temporario, irregular, incoerente. Depois com o progresso da vida nos campos, junto do solo cultivado, torna-se mais duradoura, mais definida e menos instavel e cada vez mais se aperfeiçoa, se consolida, se fortifica.

A família nasce dentro do órgam economico cuja constituição se faz por separação, por diferenciação.

Os mesmos individuos que se organizaram para satisfazer as necessidades económicas, organizam-se igualmente noutros momentos do dia, mas dentro do agregado primitivo, que continúa a subsistir e desenvolver-se, dentro do mesmo espaço para satisfação das necessidades genesico-afectivas. Estas duas categorias de organismos — o economico e o familiar — distintos pelos fins, são, porem, apenas aspétos diversos dos mesmos individuos, têm o mesmo sujeito e, portanto, não podem nem devem ser antagonicos. Pelo contrario, harmonizam-se, completam-se, auxiliam-se, como se harmonizam, se completam e se auxiliam todos os demais organismos sociais, na sua interdependência e complexidade extremas.

Os dois organismos citados apertam cada vez mais os laços de sociabilidade dos indivíduos, criam uma vida comum progressivamente mais intensa. E se os seus respectivos desenvolvimentos se fazem paralelamente, nem por isso eles se deixam de influenciar numa reciproca troca de forças e de progressos. A principio, porem, a sociedade economica ainda prevalece sobre a familiar: tanto na antiguidade como entre os selvagens contemporaneos, o sentimento social-economico é mais desenvolvido do que os sentimentos familiares.

E', pois, nos organismos familiares que o ser humano satisfaz plenamente a necessidade genetica e afetiva e, se na tribu se procura produzir as substancias de nutrição, de vestuario e de habitação precisas á vida da humanidade,—naquelles, ela procura multiplicar-se, mantendo uma população que, conjugada com o bem estar material, atrofia os instintos ferozes, de luta, de hostilidade e educa os individuos humanos, pelas relações sociais de amor, de amizade, de simpatia, e cria-lhes uma vida cada vez mais intensamente comum e solidaria e origina novas necessidades, novos ideais do bem e do belo.

Uma nova necessidade, porem, se destaca desse estadio social: é o afeto mutuo, que a principio tem um caráter extremamente utilitario,—o que, apesar de todas as idealizações, mantem sempre a trave da evolução,—que se traduz na brincadeira, no jogo, no *ludus* latino

Esta necessidade exercitada, canalizada, origina os sentimentos de estetica, ou seja, a forma subjetiva da arte. A função artistica começa então a organizar-se, surjem agregados com o fim de satisfazer essa necessidade do belo objetivado na arte. Oriunda do agregado familiar ela é antes de tudo influenciada pela genetica, pela questão seccual, e as primeiras imitações que o ser humano faz, são os movimentos sensuais do macho e da fema, cujos vestigios encontramos ainda hoje nas danças populares e nos desenhos das formas animais que são aplicados aos instrumentos e armas.

A arte assume depois um caráter mais subtil, emancipa-se, perde o aspéto grosseiramente sensualista pela sucessiva e progressiva educação dos sentidos, subdivide-se e especializa-se, intensifica-se e surjem diversos órgãos especiais tendo como função a necessidade estetica: o teatro, as sociedades de recreio, as academias de arte, as lojas de vestuario, de mobiliario, a habitação arquiteonica, etc.

Mas dentro da sociedade, e nomeadamente dentro do aparelho artistico, nascem outras necessidades e o ser humano agrupa-se, organiza-se noutros agregados para as satisfazer.

A observação da natureza, a reprodução e imitação dos seus diversos fenómenos levam os individuos a querer relacionar as causas e os efeitos. Indiretamente, pelo sentimento, a arte satisfaz a principio a necessidade do querer saber, a necessidade intelectual, científica. Ela antecipa-se á ciencia. Os grandes artistas alem de conceberem o belo, pressentem intuitivamente o futuro, preveem as descobertas dos sabios. Os artistas gregos, antes que fossem descobertas a organografia, a esquelotografia, a miolojia ou a nevrologia já faziam ideia das formas humanas como provam as suas esculturas. Todo o trabalho artistico envolve indiretamente pela sua conceção uma parte intelectual, embora esta esteja evidentemente subordinada ao sentimento, num segundo plano.

As diversas religiões nascem deste estadio social, em que pelo sentimento, pela fantasia do sobrenatural se procura explicar os diversos fenómenos de que o ser humano tem percepção e satisfazer a necessidade determinista.

As crenças são a passagem da vida puramente nutritiva, genetica e emocional para a intelectual; correspondem socialmente á idade em que se procura o porquê, a causa e o fim das coisas. As religiões, concretizadas, por fim, em órgãos constituídos por especialistas (*sacerdotes*) que se dizem sabedores das causas de toda a fenomenalidade—são antes obras sentimentalistas em que a arte tem grande predominio e procuram dar as razões de tudo.

Muito depois da ciencia ter explicado dum modo positivo os fenómenos, ainda as religiões permanecem, eziste morganizadas—mercê duma instrução cara e para privilegiados—não já para satisfazer uma necessidade intelectual de explicação de certos fenómenos, mas sim, com o seu aspeto meramente artistico, espetaculooso, cerimonioso do culto.

Os órgãos religiosos são, pois, a transição entre a explicação indireta dos fenómenos por meio da arte e a sua explicação direta, por meio da ciencia, cuja função é satisfazer igualmente a necessidade intelectual de saber as causas das coisas.

Os órgãos científicos são as escolas, os laboratorios, observatorios, os museus, os institutos, as academias, os livros, as revistas das especialidades, etc., dividindo-se e subdividindo-se em tantos órgãos e grupos de órgãos quantos são os diversos objetos dos nossos conhecimentos.

Satisfeitas, num certo ponto, as necessidades economicas, genésico-afetivas, artisticas e intelectuais, ainda sob a fase religiosa, das crenças, vemos surgir a simpatia, a afabilidade, as relações amistosas para alem do nucleo familiar— a necessidade

de regular a conduta social, que os costumes ficam numa complexidade crescente e que acabam por organizar-se constituindo o aparelho da moral.

A principio a moral confunde-se com a religião; os órgãos que tem esta função desempenham igualmente aquela. A conduta social tem como sanção o pretenso castigo da parte dum deus.

Com a filosofia do sec. XVIII a moral começa a querer sair da fase religiosa, a passar para a metafisica, e a tornar-se positiva, emancipando-se, tornando-se independente das crenças. Só na epoca presente é que se esboçam os seus órgãos, se manifesta a tendencia de criar agregados cuja função seja satisfazer as necessidades morais duma boa conduta, do bem mutuo, do reciproco auxilio, do direito á assistencia, á vida social, da solidariedade social substituindo o antagonismo individual, o egoismo grosseiro e dissolvente.

Satisfeita, embora, intermitente e imperfeitamente a necessidade moral de dedicação a outrem, ao todo social, baseada no sentimento de simpatia mutua e de solidariedade humana que é por sua vez a resultante dum relativo bem-estar economico comparado com o das primeiras sociedades, vivendo num meio afetuoso em que os sentidos estão já relativamente educados pela arte e o cerebro esclarecido pela consciencia,—esse sentimento de simpatia transforma-se na ideia de justiça e nasce a necessidade de ser justo.

Começam a aparacer então os primeiros órgãos juridicos, ainda hoje extremamente grosseiros, numa imperfeição inconsequente com o seu fim.

Assim como a necessidade moral foi satisfeita primeiramente dentro do organismo religioso, para depois se emancipar, assim tambem a necessidade da justiça, de dar a cada um o que lhe é devido, foi inicialmente satisfeito dentro do mesmo organismo, da religião. Por muito tempo a lei é um tēsto sagrado; a pena uma espição religiosa, uma sentença de deus.

Hoje os agregados juridicos ainda tem a caracteristica dos órgãos rudimentares: o despotismo substituindo o consenso mutuo das intelijencias. A força impera sobre o direito como se prova pelo facto dum mesmo ato poder ser considerado crime ou não, dentro do mesmo espaço e no mesmo momento historico, conforme é ou não praticado em nome da violencia do mais forte ou não. Um ato reputado e punido como crime pela lei penal pode ser considerado louvavel quando cometido pelas classes do poder, pelos fortes e poderosos...

A necessidade de justiça eziste, mas ainda está lonje de ser organizada devida e cientificamente.

Finalmente, outra necessidade se cria: a da politica— não confundir com a politiquice— isto é, a de coordenar, de ligar todos os agregados anteriores e elementos individuais no sentido do bem geral e comum, aproveitando e conjugando as suas respectivas atividades na realização duma sociedade perfeitamente solidaria em que o trabalho de todos e de cada qual seja exclusivamente orientado no bem-estar e satisfação das necessidades comuns e não numa concorrência desleal, antagonica, divergente e desperdiçadora de forças.

Esta necessidade tambem não conseguiu até á epoca presente organizar-se dum modo positivo. E' tambem a força, o dogma, a crença, o empirismo, que até hoje tem predominado e baseado a organização politica dos povos,—restos ainda da organização primitiva das sociedades, baseada na luta, na guerra, na violencia, no exclusivismo feroz do mais forte e do mais autoritario.

Tem-se satisfeito essa necessidade ora por meio dos agregados sociaes rudimentares e duma outra natureza social especial, como nos economicos, na tribu, nas comunas; nas nações, etc., ora por meio de formas metafisicas chamadas estados que só pela violencia militar, pela conquista, se mantem em equilibrio instavel.

E' este estadio metafisico que atribue uma influencia quasi milagrosa a certas formulas politicas que na realidade nada ou pouco modificam a sociedade.

Se a politica é ainda hoje o refugio de todos os nulos e cavalheiros de industria é porque ela não tendo atinjido uma base centifica, abre um vasto campo á intriga e á mistificação...

Todos estes aparelhos e órgãos sociais já constituídos ou por constituir, não se formam numa sucessão rigorosa no sentido de que só se fundaram sob a condição de se terem fundado *por completo* todos os organismos anteriores na hierarquia dos fenomenos sociais.

Os órgãos politicos não carecem para se constituirem positivamente, que *todos* os órgãos do aparelho juridico se constituam e aperfeiçoem, nem estes que *todos* os órgãos morais se criem, nem os morais esperam que haja *todos* os órgãos científicos, nem tampouco estes relativamente a *todos* os órgãos artisticos, nem os artisticos em face dos familiares, nem os familiares com respeito aos economicos. Não, os órgãos e aparelhos citados foram desintegralizando-se uns dos outros sem esperarem que os seus anteriores atinjissem o grau de desenvolvimento maximo e completo.

Basta um pequeno e relativo progresso para que todas as

um bom quadro de realismo burguês.

Os defeitos, a meu ver, da obra de Ramada Curto estão em alguns caracteres, principalmente num, no de *Anjela*. Bem sabemos que nas peças realistas a principal dificuldade para o autor está no delineamento dos caracteres, base de ação; mas justamente por isso é que nos cumpre apontar as nossas impressões sobre os caracteres dos personagens.

Os personagens mais bem traçados são o de *D. Mariana*, o de *Jeronimo* e o de *Sequeira*. O menos coerente, o menos caracterizado é o de *Anjela*. No 1.º e 2.º actos não se desmancha; no 3.º não se justifica nem se explica a teimosia, a insistência dela para que a filha case com um *quidam* que lhe lhe apareceu. O espectador não sabe a razão porque *Anjela* quebra lanças pelo tal indivíduo. É sómente devido ao seu carácter sem senso moral, sem educação, não admitindo na sua inteligência mediocre e na sua estúpida altivez os conselhos doutrem, ou é por outra causa?

Também não se percebe, depois da scena violenta desse acto com o filho do primeiro matrimonio, com *João Nogueira* (Carlos Santos), a maneira como se nos apresenta no 4.º acto, tão mudada. Qual o motivo da reviravolta? Foi a morte do pai? Foi o testamento deixando a terça aos netos que faz com que ela prefira o filho, a que chamou maldito, ao marido, desejando até que ele a abandone, salvo erro? Ficamos vacilantes.

Também o título da peça combinado com o entredo não nos dá bem a entender se o autor pretende generalizar o facto a todas as segundas nupcias ou se apenas quis dizer que foi *aquelas* segundas nupcias que sucederam tantas peripecias desagradáveis a ponto de ser espulso da casa, da familia, o filho do primeiro matrimonio intruso, pelo novo marido.

Creemos que o autor não pretende transformar o caso concreto que apresenta numa tese reacionaria contra as segundas nupcias. O autor bem nos diz no 1.º acto pela boca de *Anjela*: «Todas no meu caso, fazem o mesmo».

De facto, é preciso não pensar que a natureza da mulher é diversa da do homem e que ela tem de sacrificar-se a preconceitos *contra-natura*, e antisociaes. A igreja na sua esteril metafisica, quis condenar a maternidade e elevar a virjindade, a abstinencia; quis ainda considerar imunda a mulher que conhece o homem, e teve de transijir diante da natureza e sancionar, forçadamente, pela grillheta dum sacramento, o casamento; quis depois contrariar, e ainda não vê bem, a viuva que casa novamente, como attentorio ao tal sacramento que na *alma de bom cristão* deve pro-

longar-se alem tumulto, mas foi de novo obrigada a transijir com a natureza.

Ora essa repulsão, anti-natural, reacionaria, contra o casamento, contra as segundas nupcias resalta da peça de Ramada Curto, se a encaramos como tese e não como um caso concreto, simples, que resultou *dumas determinadas* segundas nupcias e não de todas ou da generalidade das segundas nupcias.

Estamos, porisso, certos que a pretensão do autor foi sómente apresentar um quadro realista, alias bastante interessante, que se ouve e vê com agrado e que muitos autores afamados não teriam duvidas em subscrever.

Do desempenho ha a salientar o conjunto de que gostamos e que nos impressionou agradavelmente.

A ensenação está cuidada. Dá nome ao professor Antonio Pinheiro. Ha nela pormenores interessantes e vê-se bem a preocupação de dar ao espectador um ambiente burguês. Desde a escolha dos moveis á sua disposição, até a disposição dos quadros pelas paredes, do hidrometro, pregado na parede da bola de vidro dependurada, tudo contribue converje para nos dar a impressão realista da peça.

É a atriz Lucinda do Carmo quem mais se destaca, dentro do bom conjunto. É realmente perfeita e cuidada a sua interpretação.

Inacio Peixoto e Antonio Pinheiro também perfeitos nos seus papeis. As intoações e gestos de Pinheiro nas frases: «eu administro tudo» «eu trato de tudo» «eu arranjo tudo» são realmente modelares.

Augusta Cordeiro, bem nos dois primeiros actos. Carlos Santos regular, assim como Palmira Torres.

Augusto de Melo, lutando com a idade, não conseguiu dar-nos a impressão dum homem duns trinta e tal anos; pareceu-nos um velho que se pinta...

Adolfo Lima.

#### PRÓ «SINDICALISTA»

É no proximo domingo, 20, que no Coliseu de Lisboa, á rua da Palma, se realisa a grande *matinée* promovida por uma comissão de amigos dedicados d'O *Sindicalista* em beneficio deste jornal operario cujo produto se destina ao pagamento da divida ezistente.

A parte dramatica está a cargo dum apreciado grupo de amadores dirigido pelo nosso amigo Francisco Judicibus, tendo principiado os ensaios na segunda-feira proxima passada. Tomam tambem parte no espectáculo alem do actor dramatico João Amaral, que fará dois monologos, tres bandas de musica. Os bilhetes para esta festa, já estão á venda nos locais do costume.

#### Falta de espaço

Entre o orijinal que a falta de espaço nos obriga a retirar, fica sobre o marmore, para entrar no proximo numero, o excelente trabalho de propaganda do sabio geografo e anarquista Eliseu Reclus *Ao meu irmão o camponês*.

## Vulgarização científica

### A orijem do Mundo

por G. Moitet

#### Hipótese científica

Todas as forças conhecidas: pezo, calor, magnetismo, electricidade, luz, som, propagam-se em rasão inversa do quadrado das distancias. A causa é uma só, o meio transmissor é tambem um só, e as transformações, as mais complecsas do univerno, desenvolvem-se majestosamente na unitaria harmonia dos efeitos e das causas.

Nada maravilha mais do que a formação de todos os corpos siderais e nós podemos assistir a isso contemplando aqueles astros maravilhosos que se chamam *nebulosas*.

As hipoteses verificam-se mutuamente. A constituição intima dos corpos e do éter explicarão as nebulosas, e as nebulosas em formação explicarão a materia.

As nebulosas podem-se classificar em tres categorias distintas: 1.º as nebulosas soluveis, constituidas por grupos de estrélas que se apresentam como se estivessem unidas devido ao imenso numero e pela distancia; 2.º as nebulosas parcialmente soluveis que se apresentam ao telescopio sob a forma de nuvem disseminada em estrélas brilhantes; 3.º as nebulosas não soluveis que resistem aos maiores aumentos e permanecem completamente no estado de nuvens resplandecentes.

Poderia parecer que com a maior potencia dos aumentos estas nebulosas dividir-se-iam, por sua vez, em outras tantas estrélas. Mas eis que a *analyse espétral* — essa bela descoberta que permite analizar os corpos celestes com tanta segurança como os corpos dos nossos laboratorios de quimica — entrou em campo. Esta analyse demonstrou que nas estrélas das nebulosas soluveis se encontram corpos iguais aos do nosso planeta, enquanto a materia das nebulosas não soluveis se compõe simplesmente de um numero muito limitado de nossos corpos.

Não era preciso mais para considerar as nebulosas como diferentes manifestações da materia no estado de formação dos mundos. Demais, as mais potentes investigações de cospetroscopia não podem deixar subsistir duvida alguma. A experiencia tem-nos demonstrado que as temperaturas sempre crescentes poderiam reduzir ao estado gazoso todos os corpos da natureza. Porque não admitir, então, depois do que temos aprendido, que um calor mais intenso não seja capaz de dissolver os gazes e reduzi-los a um gaz unico? O uso do es-

petroscopio — repito — scrutando os inumeraveis sóes do universo, permitiu-nos comprovar esta hipotese. Os sóes mais ardentes, de luz branca, só são constituidos por hidrogenio e um pouco demagnésio; os sóes vermelhos, menos ardentes que os primeiros, contem metais, e os outros sóes de temperatura menos elevada contem metaloides.

Não temos então sob a nossa vista testemunhos vivos da formação dos mundos, da evolução da materia e da sua unidade?

A Natureza procede do simples para o composto, e as manifestações, mesmo as mais complecsas da *força da energia fisica*, descompõem-se docemente para deixar entrever os seus mais intimos segredos.

Agora podemos formular a nossa hipotese. Não conhecemos nenhuma mais orijinal nem mais científica do que a esposta por A. Despauix no seu excelente livro *«Genesis da Materia e da Energia»*; é a hipotese de Laplace completada com as descobertas da ciencia moderna. No principio, — se esta palavra pode empregar-se — existia a materia unica, eterna, incriada. O éter era composto de átomos dotados de eterno movimento. Os átomos chocam-se, ajitam-se, giram sobre si mesmos... o movimento comunica-se, ondulando, e arrasta outros átomos que se aproximam, que se atraem e se misturam.

O que se produz num ponto do espaço renova-se em outros pontos... as moléculas criaram-se assim, da reunião dos átomos... e da reunião das moléculas forma-se a materia: sob a forma de nebulosa esta estende-se no espaço. Assim é como teve a sua orijem o nosso mundo solar. A materia condensa-se sempre cada vez mais, e como esta condensação não é uniforme na massa nebulosa, todos estes movimentos moléculares desiguais, arrastam a um vasto movimento de rotação a mesma nebulosa. O movimento cresce á medida que a condensação se intensifica. É nesta ocasião que se desenvolve a força centrífuga... a materia acumula-se no equador da nebulosa desprendendo-se d'aí um anel... num ponto mais condensado que os outros converte-se em centro do anel que se condensa, retrai e forma uma massa espessa.

Eis o primeiro planeta.

Outros aneis que se desprendem das restantes nebulosas, são outros tantos planetas.

O nosso sistema solar assim se constituiu. O sol é o que ainda resta da nebulosa orijina-ria. Estes fenomenos reproduzem-se em todos os planetas; destacam-se aneis e estes constituem outros globos verdadeiros e proprios: *satélites*. Nesta obra imensa, os flocos de materia que escapam á orientação

regular sob a forma de cometas, de estrelas cadentes, de bólidos ou aerólitos, serão dominados e atraídos pelos corpos definitivamente constituídos.

Se quizessemos outros argumentos em favor do nosso sistema, poderíamos encontrá-los na experiência e na observação. Plateau demonstrou-nos que introduzindo uma gota de azeite num líquido de igual densidade e fazendo-a girar rapidamente sobre si mesma, reproduzem-se os anéis da nossa hipótese. E os próprios anéis de Saturno não são testemunhos dignos de fé da transformação idealizada?

Mais uma só palavra, para terminar: Para ir do sol ao último confim do nosso sistema solar, é necessário percorrer cerca de mil cento e dez milhões de leguas; mas para chegar a outro sistema solar como o nosso, é necessário estabelecer uma distancia dez mil vezes superior á já indicada. Semelhante vôo nos mundos constituídos é-nos explicado pela formação moléculas dos corpos que se compenetraram.

Se a origem do mundo nos interessa, é bem natural o desejo de querer conhecer o seu fim. A teoria de Bloch, que faz precipitar-se no sol todos os planetas no qual de novo se reconcentram, poderá ser bonita mas não é verosímil.

Esta teoria supõe eterna a lei da gravitação... a fonte de energia sobre o planeta e o calor solar; mas pela irradiação, este calor perde-se e o sol estingue-se-á, tornando impossível a vida sobre o planeta.

Mas com o calor estinguir-se-á também a gravitação, e os planetas se afastarão de um centro privado de força. Estinta a gravitação, os sistemas planetários desassociar-se-ão e os seus átomos errantes no éter servirão para a formação de novos mundos.

Como na matéria orgânica, a vida renascerá da morte. Nada

se perde, tudo é movimento, tudo se transforma, associa-se e desagrega-se no Universo infinito.

#### CONCLUSÃO

Ezaminámos, pois, duas hipóteses: a da criação e a da ciência.

A primeira está baseada em tais absurdos, que absolutamente não pode ser aceita por um espírito livre de prejuízos. A segunda encontra imponente apoio numa infinidade de verdades científicas que satisfazem a nossa razão. A hipótese científica não é um dogma; ela deixa vastíssimo campo ás ulteriores descobertas da ciência.

Ela tem, de todos os modos, o merito de apresentar-nos, em seus verdadeiros caracteres, a matéria, o movimento, a vida... ela constitue para nós um grande ensinamento. Porque não havemos nós de querer assemelhar-nos aos errantes átomos do éter, livres como individuos, mas tendentes a associar-se para formar esses mundos do Universo cuja geral harmonia encontra em nós tão entusiástica admiração?

Dia virá em que toda a humanidade compreenda a verdade podendo-se desde hoje augurar o dia feliz em que a nova religião, em vez de unir a terra ao ceu, unirá uns homens a outros homens numa nova humanidade baseada sobre a solidariedade, sobre a justiça, sobre o amor.

## Francez

Ensino teórico-prático, sem auxílio de livros

Tradução, correspondência e conversação, com verdadeira pronuncia parisiense, por metodo racional, intuitivo e atraente.

**1\$200 réis mensais**

Estrada da Penha de França, 82

### Aos nossos camaradas e amigos

Para a publicação do semanario anarquista *Terra Livre* é levantado, entre os que professam ou simpatizam com as doutrinas que ele propaga, um empréstimo de 250\$000 réis divididos em 500 títulos de 500 réis cada um, reembolsáveis em livros e publicações diversas.

O portador de títulos de empréstimo ficará *ipso facto*, fazendo parte do grupo editor de *Terra Livre*.

A posse do título não só não ezime do pagamento de assinatura do jornal como não confere o direito de interferencia nos negocios administrativos ou em assuntos de redação, os quais estão sób a responsabilidade dos organizadores do grupo editor.

Os camaradas a cargo de quem estão a redação e administração do jornal obrigam-se a publicar um balancete mensal e a patentear os livros de escrita a todos os membros do grupo editor, todas as vezes que lhes aprofiver ezamina-los.

Diante do que fica esposto esperamos que os camaradas venham á nossa administração Rua das Gaveas, 55, 1.º, a subscrever as ações que aquí se acham á sua disposição. Aqueles que não poderem vir aos nossos escritorios queiram remeter por carta o nome e a morada, declarando o numero de ações que desejem, que, imediatamente, o nosso cobrador irá procura-los.

Do mesmo processo se podem servir os camaradas da provincia enviando-nos, juntamente com os pedidos, a importancia respétiva sem o que os não podemos satisfazer.

### Importante

A todas as pessoas e colétividades a quem enviamos o nosso semanario e que não queiram auciliar-nos com a sua assinatura, esperamos que no-lo devolvam, com a respectiva cinta, antes da publicação do número seguinte, de contrário considera-las-emos como nossas assinantes.

### Anuncios

No intuito de fazer uma grande propaganda de todas as obras de ciencia, sociologia e arte social que estejam editadas ou que venham a editar-se em português, para facilitar a difusão das ideias que o nosso jornal propaga e defende, além da apreciação desenvolvida e independente das obras que teem sido editadas ou que se forem editando, e de que sejamos recebedores de um exemplar, *TERRA LIVRE* oferece as suas paginas aos editores para anunciarem as suas publicações ao preço da tabela junta, reservando esta redação para si o direito de recusar o anuncio de livros com cuja doutrina não concorde, visto que só queremos anunciar livros cuja leitura possamos recomendar aos nossos leitores e que possamos servir de intermediarios na sua venda.

Preços dos anuncios (Pagamento adiantado e em prestações mensais)

Por	1	4	12	24 paginas
Uma pagina...	5\$000	12\$000	24\$000	38\$000
1/2 »	2\$500	8\$000	16\$000	25\$000
1/4 »	1\$500	4\$000	10\$000	15\$000
1/8 »	\$800	2\$000	4\$000	8\$000

NOTA— Estes preços são para anuncios permanentes; quando sofrerem alterações acresce mais 100 réis por cada linha.

#### Publicações da TERRA LIVRE

A APARECER POR ESTES DIAS:

## GEÓRJICAS

Ao trabalhador rural

por Neno Vasco

Folheto de 16 paginas com uma ilustração na capa, impresso em ótimo papel em formato elegante:

Preço 10 réis — Um cento 700 réis

Acceptam-se desde já pedidos na administração deste jornal. A importancia correspondente deve ser enviada em estampilhas, vale do correio ou em ordem postal.

#### ACABA DE APARECER

## Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

A questão religiosa ☉ A questão politica ☉ A questão economica

Preço 500 réis (pelo correio mais 75 réis)

A administração da *Terra Livre* satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.

### Encontram-se á venda

nesta administração

destinando-se o produto a aucilio do nosso jornal, as seguintes

#### PUBLICAÇÕES

Postais "*Terra Livre*," impresos em magnifico cartão de côr, ilustrados com uma sugestiva alegoria do distinto caricaturista Rocha Vieira e inserindo um resumo das ideias libertarias pelos camaradas Adolfo Lima, Araujo Pereira, Neno Vasco, Pinto Quartim e Sobral de Campos — cada... 10 réis.

\* Os mesmos em cartolina — 300 réis o cento; pelo correio 350 réis.